

ARQUEOLOGIA PORTUGUESA: ASPECTOS HISTÓRICOS E INSTITUCIONAIS

FRANCISCO SANDE LEMOS
UNIDADE DE ARQUEOLOGIA

1) Introdução

1.1) Tal como se verificou noutras nações da Europa, ocorrem em Portugal desde o Renascimento e até ao século XIX, sinais reveladores de um crescente interesse pelas antiguidades. Descrevem-se monumentos, reúnem-se colecções de objectos ou de epígrafes, imprimem-se monografias ou tratados, organizam-se inquéritos e inventários.

Neste processo, a Igreja através dos seus prelados e sacerdotes, tem primazia¹. Há também toda uma série de letrados, homens da corte, ou da burguesia urbana, que cultivam o interesse pelo estudo das antiguidades². Por sua vez a coroa, integra-se nesse movimento, a partir de 1720, data da fundação da Real Academia de História de Lisboa, sob o patrocínio do rei D. João V³.

O estudo pormenorizado desta fase preliminar da arqueologia portuguesa ainda não foi feito. Um esboço crítico de periodização foi proposto por HUBNER (1876, 34-47). Outros autores (VASCONCELOS 1898, 12-45; CORREA 1935, 23-67; SANTOS 1980, 34-45) referem-se a esses primórdios, sem no entanto ensaiarem uma análise exaustiva das obras e dos contextos em que foram produzidas.

De um modo genérico pode-se afirmar que os trabalhos, escritos ao longo da Idade Moderna, se situam no quadro limitado de um saber clássico, erudito, onde é possível diferenciar maior ou menor rigor, e objectividade, ou pelo contrário displicência e fantasia, mas sem se discernir os germens de um novo conhecimento.

1.2) O advento de um novo saber, de raiz científica, independente da erudição clássica, e da doutrina da Igreja, surge apenas no rescaldo das Invasões Napoleónicas (1807-1810) e das Lutas Liberais (1822-1834), e após o final do longo período de perturbações que se lhes seguiu, ou seja nos anos quarenta do século XIX⁴.

Na atmosfera plácida da Monarquia Liberal, e sob os auspícios de uma nova ordem cultural, o romantismo, registam-se as primeiras datas articuláveis com a génese da arqueologia portuguesa, como disciplina científica. No ano de 1848 é criada, com pompa e circunstância, a Sociedade Archeológica Lusitana, estabelecida para explorar as ruínas romanas de Tróia (MACHADO 1962, 119-145). Em 1857 funda-se a Comissão dos Trabalhos Geológicos, dirigida de parceria por Francisco Pereira da Costa (1809-1898) e por Carlos Ribeiro (1813-1882), este último considerado a justo título o «pai» da arqueologia e da geologia, em Portugal.

Na década seguinte, em 1863, constitui-se a Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portugueses, cujo primeiro presidente foi Joaquim Possidónio da Silva (1806-1896) (SÃO PAIO 1938, 9-35). Por esta altura começam a realizar-se anualmente trabalhos de prospecção e de escavação em grutas, concheiros e antas, promovidos pela Comissão Geológica, na península de Lisboa e no vale do rio Tejo. As primeiras monografias saem a lume, com texto bilingue, em português e francês, ornamentadas com belíssimas estampas reproduzindo croquis, cortes, e espólio. A análise dos textos revela um feixe diversificado de influências, destacando-se o impacto das escolas francesa e inglesa, com relevância para os nomes de Lyell e Lartet.

Nos anos setenta generalizam-se as escavações, a todo o país, principiando o estudo de sítios tão importantes como, por exemplo, as Citânias de Briteiros (1875) e de Sabroso (1878) (CARDOZO 1930). Em 1877 realiza-se o primeiro colóquio português de arqueologia, organizado por Francisco Martins Sarmiento (1833-1899), na cidade de Guimarães, no Norte do país, tendo por tema fulcral a idade do ferro e o mundo indígena pré-romano (LE MOS 1985, 195-215).

1.3) A IX sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistóricas, celebrada em 1880, na cidade de Lisboa, os debates e as excursões que ocorreram no seu âmbito, a presença em Portugal dos mais reputados sábios europeus, o impacto social do evento, marcam a entrada da arqueologia portuguesa numa fase de crescimento, e de consolidação (GONÇALVES 1980; SANTOS 1980, 253-298; SILVA 1985, 13-19; LEMOS 1988, 42-56).

Não foi ainda apurado se o Congresso de 1880 expressou apenas a vitalidade da jovem arqueologia, ou se, pelo contrário, foi um contributo decisivo para o dinamismo posteriormente verificado. Provavelmente ambas as coisas.

Seja como for as décadas seguintes são de grande actividade. Constitue-se a Sociedade Martins Sarmiento (1882), e inicia-se a edição da revista de Guimarães (1884). Publicam-se as *Antiguidades Monumentais do Algarve* (1886). Funda-se em Lisboa o Museu Etnológico (1894), inicia-se a edição de o *Arqueólogo Português* (1895) e das *Religiões da Lusitânia* (1897). No Porto, na sequência da Sociedade Carlos Ribeiro (1887), forma-se o grupo fundador da revista *Portugália* (1899-1908). Surgem vários pequenos museus municipais, e por todo o país realizam-se numerosas escavações de grande fôlego.

Esta dinâmica atravessa o dobrar do século, e prolonga-se pelas primeiras duas décadas de novecentos. Em 1911 criam-se cátedras e institutos de antropologia nas Universidades. Em 1918, funda-se a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, sediada no Porto (CORREA 1935, 23-67), e institue-se o Museu de D. Diogo de Sousa, em Braga (OLIVEIRA & FERNANDES, 1984, 109-134; OLIVEIRA 1985, 179-194).

No entanto as profundas perturbações políticas e sociais da República, e posterior advento do regime ditatorial, que a si mesmo se designou por Estado Novo, parecem ter tido efeitos perniciosos no evoluir dos estudos de arqueologia. Apesar de se filiar num nacionalismo de feição tradicionalista, o regime chefiado por Salazar, não concedeu particular ênfase aos valores materiais do legado histórico, cingindo-se a uma política imobilista, restaurando igrejas e castelos, e zelando de uma forma rígida e repressiva sobre os monumentos classificados. A investigação por seu lado não mereceu os favores do regime.

Como resultado deste longo processo de asfixia, os estudos de prehistória e de arqueologia esmoreceram progressivamente. Nos anos sessenta o quadro dos conhecimentos estava visivelmente desactualizado, apresentando algumas áreas ainda sólidas, mas outras inteiramente carecidas, e no geral, francamente atrasado, em relação ao estádio alcançado pela arqueologia europeia, no post guerra.

Este panorama vai ser completamente alterado pelo profundo processo de mudanças políticas e culturais que ocorrem a partir do ano de 1974, as quais se reflectem indirectamente na actividade arqueológica, daí resultando um novo quadro, que vamos descrever, de seguida, através de breves análises sectoriais.

2. Instituições, Projectos e Actividade Editorial

No actual panorama da arqueologia portuguesa é possível distinguir quatro grupos diferentes de entidades:

— os institutos ou unidades das Universidades, que congregam o maior número de efectivos, e dominam a actividade arqueológica nos campos do ensino e da investigação.

— os museus e serviços do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), organismo público, tutelado pela Secretaria de Estado da Cultura, e que tem como principal objectivo gerir e conservar o legado cultural.

— uma série de pequenos departamentos ou gabinetes, criados nos municípios mais interessados no estudo e salvaguarda dos valores arqueológicos existentes nos respectivos territórios.

— Sociedades ou Grupos, de natureza associativa, cujos estatutos preconizam uma importante intervenção no domínio da arqueologia.

— unidades dispersas, funcionando em diversos sectores da Administração Pública.

2.1. As Universidades

94

As Universidades surjem associadas à arqueologia desde os primeiros passos desta disciplina, como conhecimento científico. Os nomes de Francisco Pereira da Costa, Augusto Filipe Simões (1835-1884), José Leite de Vasconcelos (1857-1941), Mendes da Costa (1888-1960), e Vergilio Correa (1888-1944), professores do ensino universitário, inserem-se, em diversos momentos, na fase mais brilhante da arqueologia portuguesa.

No entanto maugrado o peso das Universidades na arqueologia dos inicios do século, não se estruturam Escolas, salvo em Coimbra. Nesta Universidade constitue-se uma linha contínua vocacionada para os estudos de arqueologia romana⁶, em que as escavações de Conímbriga assumem particular relevância (ALARCÃO & ETIENNE 1977, 9-11), bem como a criação do respectivo Museu Monográfico (1962) (ALARCÃO 1974, 84-91).

No Porto, e em Lisboa, os sucessores de Mendes Correa, e de Leite de Vasconcelos, não foram capazes de manter as escolas que se tinham começado a esboçar nas primeiras décadas de novecentos.

No fim dos anos sessenta a investigação universitária limitava-se a um escasso número de projectos, e o ensino, salvo raras excepções, arrastava-se, fossilizado em rotinas teoréticas, destitui-

das de criatividade.

Porém, durante a década de setenta operam-se importantes mudanças no mundo universitário português. Criam-se novas universidades e as tradicionais reestruturam-se adquirindo acentuado dinamismo. No âmbito específico da arqueologia, na segunda metade dos anos setenta, reorganizam-se os currícula dos cursos de história, e criam-se as variantes de arte e arqueologia. Aumentam assim, de forma exponencial os efectivos de docentes, nas Faculdades de Letras de Lisboa, de Coimbra, e do Porto. Simultaneamente surgem novos pólos de actividade arqueológica nas recém-criadas Universidades do Minho e de Évora, e na Universidade Nova de Lisboa.

Já na década de oitenta, a criação de novas estruturas alarga-se a outras instituições do ensino superior oficial, a duas Universidades, a de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real), e à do Algarve (Faro), bem como à Escola Superior de Tecnologia de Tomar.

Surgem mesmo departamentos de arqueologia em universidades privadas, na Portucalense (Porto), e na Lusíada (Lisboa).

Deste modo desenvolvem-se numerosos projectos de pesquisas que, seja pelo rigor das metodologias e diversidade dos temas, seja pela amplitude e eficácia dos resultados, estão a contribuir de uma forma decisiva para renovar e reorganizar o quadro dos conhecimentos.

No entanto, apesar do elevado número de universidades que, de uma forma ou de outra, desenvolvem projectos de arqueologia, apenas quatro editam revistas especializadas:

- o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra (cuja actividade dominante é a arqueologia clássica e a epigrafia, desenvolvendo também projectos no âmbito da pré-história recente) edita desde 1959 a revista CONIMBRIGA, de que já foram publicados os 25 volumes.

- o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto (cujos elementos abrangem diversas áreas de pesquisas, desde o paleolítico até à arqueologia medieval, passando pela protohistória, pelo calcolítico, e pelo megalitismo) edita desde 1980 a revista PORTUGÁLIA (Nova Série), tendo saído a lume cinco volumes.

- a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, cujos projectos se inserem em cinco áreas distintas (paleolítico, protohistória, arqueologia romana, medieval e industrial) edita um periódico intitulado CADERNOS DE ARQUEOLOGIA, desde 1982, tendo já saído 5 volumes, e um boletim destinado exclusivamente à arqueologia industrial.

— a Unidade de Arqueologia do Centro Histórico da Universidade de Lisboa, que se dedica em especial ao calcolítico, e à proto-história, edita a revista CLIO-ARQUEOLOGIA, da qual contudo apenas foi publicado o primeiro número, em 1984.

Os trabalhos produzidos pelos restantes núcleos universitários encontram-se dispersos por revistas da especialidade publicadas por outros organismos, boletins municipais, ou monografias⁷.

2.2. Museus e Serviços do Instituto Português do Património Cultural

A par das Universidades o IPPC, criado em 1980, desempenha uma importante função no quadro da arqueologia portuguesa, quer pelas prerrogativas jurídicas que detem, quer pelas responsabilidades de gestão e de conservação do património histórico, que primordialmente lhe competem, por força da lei.

Para alcançar os objectivos que lhe estão consignados o IPPC dispõe de um Departamento Central de Arqueologia e de Serviços Regionais de Arqueologia, criados em 1980, e distribuídos por três zonas. O Departamento Central tem sede em Lisboa. Os três Serviços Regionais, do Norte, Centro e Sul, têm sede no Porto, Coimbra e Évora, respectivamente.

96 Apesar das dificuldades com que lutam, os Serviços do IPPC, não se têm limitado aos salvamentos, ou a prosseguir tarefas de rotina, e à emissão de pareceres sobre pedidos de escavação, ou sobre obras em monumentos classificados, mas também desenvolvem projectos de inventário, e de conservação devendo-se-lhes ainda importantes descobertas científicas⁸.

Também na dependência do IPPC estão os três únicos museus de arqueologia existentes em Portugal: o Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, sediado em Lisboa, que alberga importantes e numerosas colecções, de todo o país; o Museu Monográfico de Conimbriga, situado em Condeixa-a-Velha, o qual, para além das suas funções próprias, orienta a actividade de restauro, a nível nacional; e o Museu de Arqueologia de D. Diogo de Sousa, revitalizado em 1980, em Braga, e que apesar de ainda não possuir instalações próprias, tem tido um importante papel no Salvamento de Bracara Augusta.

No plano editorial o IPPC não só apoia financeiramente diversas revistas da especialidade, como também é responsável, através dos organismos que dirige, por alguns periódicos e por séries monográficas.

O Museu Nacional de Arqueologia retomou em 1983 a publi-

cação de o ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS que estava interrompido desde 1977. Por sua vez o Museu de D. Diogo de Sousa co-edita os já citados CADERNOS DE ARQUEOLOGIA.

O Departamento de Arqueologia edita um boletim anual informativo, sob o título INFORMAÇÃO ARQUEOLÓGICA, que reúne os resumos dos principais trabalhos efectuados cada ano no país. Para além disso é responsável por uma série monográfica designada TRABALHOS DE ARQUEOLOGIA, e por uma série divulgativa intitulada ROTEIROS ARQUEOLÓGICOS.

2.3. Os Municípios

Na sequência das mudanças institucionais ocorridas em Portugal, após 1974, os municípios passaram a dispôr de grande autonomia, e significativos recursos técnicos e financeiros, retomando assim prerrogativas históricas que tinham sido anuladas pelo regime ditatorial.

Não surpreende pois que a recente renovação dos estudos de arqueologia tenha tido um importante apoio dos municípios, interessados quer no conhecimento das suas raízes históricas, quer na salvaguarda e valorização dos monumentos arqueológicos de maior impacto, quer ainda em reunir materiais para organizar os museus locais.

Verifica-se mesmo que um crescente número de municípios está a montar pequenos gabinetes de arqueologia, sob a sua dependência, ou em alternativa, a organizar núcleos museológicos em que o sector da arqueologia é dominante. Por esta via processa-se um novo crescimento dos efectivos de arqueólogos, de iniciativas e de projectos.

Contudo, actualmente, entre os 365 municípios em que está dividido o território continental português, apenas 15 possuem arqueólogos ou equipas, sob a sua dependência.

O actual peso jurídico dos chamados Planos Directores, mecanismos de gestão e planeamento do território, e o desenvolvimento do turismo, implicam um previsível aumento do interesse das autarquias pela arqueologia, nas suas diferentes vertentes. Admite-se pois que o número de equipas sob dependência dos municípios tenda a aumentar à medida que as Câmaras sintam a necessidade de investir com estabilidade e solidez no património histórico existente nos seus concelhos.

Uma última referência, para o Museu de Arqueologia e Etnografia do distrito de Setúbal, dependente de um conjunto de municípios. A equipa que o dirige desenvolve há já mais de dez anos uma

assinálável actividade no campo da arqueologia, editando uma revista especializada, com o título de SETÚBAL ARQUEOLÓGICA, desde 1975.

2.4. Associações e Sociedades

As Associações ou Sociedades, de arqueologia, ou afins, tiveram um importante papel na formação da arqueologia portuguesa, como disciplina científica, na segunda metade de oitocentos, e nas primeiras décadas do século XX.

Algumas, apesar do seu contributo, não tiveram continuidade, como aconteceu por exemplo à já citada Sociedade Archeológica Lusitana (SÃO PAIO 1938, 9-35) ou à Sociedade Carlos Ribeiro, fundada em 1887, e dissolvida em 1890 (PEIXOTO 1975, 245-265 e 276-288) ou à Sociedade Archeológica da Figueira da Foz, que esteve activa de 1894 a 1910, deixando aliás um importante legado museológico, que subsiste: o Museu Santos Rocha (PEREIRA 1985, 213-214).

Outras sobreviveram à usura do tempo, e às vicissitudes conjunturais, mantendo-se em funcionamento, editando revistas, celebrando sessões, e promovendo colóquios, ou seminários.

A Associação dos Arqueólogos Portugueses, já referida, mantém-se na sua velha sede do Convento do Carmo, onde possui um pequeno museu, tendo sempre editado, embora com intervalos mais ou menos longos, um boletim, que tomou diferentes designações ao longo dos tempos: BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEÓLOGOS PORTUGUESES; TRABALHOS DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES; ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA.

A Sociedade Martins Sarmento, fundada em 1882, em Guimarães, edita uma revista, que embora não especializada, insere quase sempre textos de arqueologia. Possui uma ampla biblioteca, e um importante museu, sendo também a curadora de dois sítios da Idade do Ferro, bastante conhecidos, as Citânias de Briteiros e de Sabroso.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, nascida em 1918, tem sede no Porto, e publica desde 1919, ininterruptamente uma revista, intitulada TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA, em cujas páginas se encontram impressos numerosos textos de arqueologia, recentes e antigos.

Nesta última década, ainda na capital nortenha, surgiu (1976) o Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, GEAP, que tem sido pólo de intensa actividade, editando regularmente uma revista

especializada, sob o título ARQUEOLOGIA.

No entanto, e no seu conjunto estas entidades já não possuem a autonomia, o peso e o impacto de outrora, encontrando-se de uma forma, ou de outra, articuladas com professores e investigadores das Universidades.

2.5. Outras entidades

2.5.1) Na dependência da Administração Central, dispersas por diversos ministérios, funcionam pequenas equipas de arqueologia.

No Parque Nacional da Peneda Gerês, dependente da Secretaria do Estado do Ambiente, existe um departamento de arqueologia, que se tem dedicado ao estudo do importante património que se conserva no território daquele parque do noroeste de Portugal.

No Instituto de Investigação Científica Tropical, sediado em Lisboa, funciona um gabinete de arqueologia destinado primordialmente ao estudo do espólio recolhido nas antigas colónias africanas, em missões efectuadas ao longo do século XX, até 1974. Este departamento edita uma revista intitulada LEBA, de que saíram a lume 5 números.

Na Delegação do Norte da Secretaria de Estado da Cultura (Porto) funciona actualmente o Centro de Estudos Humanísticos, criado em 1947, responsável pela edição de um outro periódico assaz importante para os estudos de arqueologia nortenha, a revista LUCERNA.

Muito embora não possua um departamento específico para o efeito, o Serviço Geológico de Portugal tem uma notável tradição na história da arqueologia portuguesa, que remonta a 1857 e a Carlos Ribeiro, tradição mantida por Nery Delgado, Paulo Choffat, Veiga Ferreira e Georges Zbyszewski, ao longo de muitas décadas.

De facto nos 72 volumes de COMUNICAÇÕES DOS SERVIÇOS GEOLÓGICOS encontram-se numerosos trabalhos, em especial sobre paleolítico e sobre prehistória recente.

Por sua vez no Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia, funciona um laboratório de C 14, que após uma fase experimental está a produzir as primeiras datações, desde 1987.

2.5.2) Na generalidade dos países mediterrânicos, e da Europa meridional, existem escolas ou institutos estrangeiros, cujo contributo para o avanço dos conhecimentos é, por vezes assinalável.

Em Portugal apenas funciona uma delegação do Instituto Arqueológico Alemão, com sede em Lisboa, e que desenvolve pro-

jectos em prehistória recente, e em arqueologia clássica. Refira-se que Emilio Hubner teve grande ascendente nos estudos epigráficos portugueses (ENCARNAÇÃO 1988, 204-207), tendo visitado Portugal, pela primeira vez, em 1861. Em época posterior, em meados do corrente século, o casal Leisner, George e Vera, exerceram uma importante influência no evoluir das pesquisas em megalitismo, trabalhando em Portugal e em Espanha, durante várias décadas.

Por sua vez a França mantém dois processos de colaboração, um no domínio dos estudos clássicos, outro no âmbito da investigação em paleolítico. De facto as Universidades de Coimbra e Bordeus têm colaborado no estudo de Conimbriga, e nas escavações da villa romana de S. Cucufate, no Alentejo. No campo do paleolítico, deve-se recordar o contributo do Abade Henri Breuil, que passou largas temporadas em Portugal (ZBYZVESKI 1962, 41-45), e na sua esteira, as pesquisas do Abade Roche, que incidiram em especial sobre o paleolítico superior da Estremadura e sobre o epipaleolítico do vale do Tejo (JORGE 1985, 1-13).

Nestes últimos anos tem-se assistido a um crescendo exponencial de projectos comuns entre organismos portugueses e universidades inglesas e americanas.

4. Conclusões

100

Como se pode constatar, pelas páginas anteriores, o panorama institucional da arqueologia portuguesa é complexo e diversificado, produto de uma evolução própria, e das profundas mudanças que movimentaram o país, nestes últimos 14 anos (LEMOS 1987, 5-12).

Maugrado o assinalável crescimento dos efectivos, dos organismos, e dos projectos, e apesar dos inovadores resultados científicos assim adquiridos, subsistem carências graves, em particular nos campos da conservação e da museologia, bem como no domínio laboratorial e no tratamento inter-disciplinar dos dados.

Por sua vez a gestão dos sítios arqueológicos, e dos monumentos classificados, bem como a capacidade de resposta às situações de emergência, carecem de eficácia, devido a um quadro jurídico obsoleto, a pesadas rotinas burocráticas, e à falta de recursos.

No entanto os arqueólogos portugueses reconhecem as debilidades estruturais existentes, tendo-se gerado um movimento de reflexão que se concretiza em textos divulgados em revistas da especialidade ou em periódicos de amplo espectro (MARTINS 1986, 2-4; ALARCÃO 1986, 4-7; LEMOS 1987, 5-12; RAPOSO 1988, 235-236).

Este debate, embora sejam diferentes os diagnósticos e as soluções propostas, permite supor que um sério esforço poderá vir a ser realizado nos próximos anos, a fim de se vencerem as dificuldades assinaladas.

De facto é cada vez mais insustentável a situação de carência de laboratórios e meios financeiros que afectam as Unidades Universitárias, por um lado, e por outro o stress institucional a que estão submetidos os Serviços de Arqueologia, asfixiados por uma burocracia absoleta.

O fosso abismal entre o volume de escavações e o de produção científica, a necessidade urgente de salvar e conservar o património arqueológico, crescentemente ameaçado, tornam indispensável reorganizar os modelos de gestão e de planeamento da actividade arqueológica, em Portugal.

NOTAS

- 1 — Entre os numerosos membros da Igreja, que se dedicaram ao estudo das «antiguidades» destacam-se os nomes de D. Diogo de Sousa (1460-1532), arcebispo de Braga, de D. Rodrigo da Cunha (1577-1643), que chegou a arcebispo de Lisboa, D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas (1724-1814), bispo de Beja, bem como diversos sacerdotes, entre os quais recordamos os nomes de Jeronimo Contador de Argote (1676-1749) e frei Vicente Salgado (1732-1802).
- 2 — Destacam-se pelo interesse das suas obras André de Resende (1498?- 1573), João de Barros (sec. XVI), Amador Arraes (1530?- 1600).
- 3 — A Academia Real de História estimulou a produção de Memórias, elaboradas por eruditos locais, a maior parte deles sacerdotes, cujos textos são de grande interesse, pois que não só contêm dados arqueológicos e históricos, como também retratam as paróquias, a sua economia e paisagem, no dealbar do século XVIII.

- 4 — Para a história da cultura do século dezanove pode-se consultar uma obra de conjunto de José Augusto França, intitulada O ROMANTISMO EM PORTUGAL, de que existe uma versão francesa. Um retrato vivo e apaixonado da época foi desenhado por Oliveira Martins, um intelectual do século XIX, político e historiador, que se interessou também pela arqueologia, tendo acompanhado de perto o Congresso de 1880, e redigido uns Elementos de Antropologia, e uma Prehistória da Península Ibérica.
- 6 — Esta tradição foi iniciada por Vergílio Correia, e continuada sucessivamente por Bairrão Oleiro, e por Jorge Alarcão, actual catedrático de arqueologia.
- 7 — Ver a listagem anexa a este texto.
- 8 — A actividade desenvolvida pelos SRA bem como as dificuldades que têm enfrentado pode ser analisada através dos relatórios anuais publicados na revista INFORMAÇÃO ARQUEOLÓGICA. Pode-se também consultar a seguinte referência: (LEMS 1986, 00-00).

LISTAGEM DOS ORGANISMOS

A.1.1. UNIVERSIDADES

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Director: Doutora Manuela Martins.

Endereço: Avenida Central, n.º 39, 4700 BRAGA.

Edita a revista CADERNOS DE ARQUEOLOGIA, o BOLETIM DE ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL, e a série ARQUEOLOGIA-MONOGRAFIAS.

Unidade de Arqueologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Endereço: 5000 VILA REAL.

Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto.

Director: Doutora Susana Jorge.

Endereço: Rua do Campo Alegre, n.º 1055, 4100 PORTO.

Edita a revista PORTUGÁLIA, Nova Série.

Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense.

Director: Dr. Eduardo Jorge da Silva.

Endereço: Avenida Rodrigues de Freitas, 349, 4000 PORTO.

Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.

Director: Doutor Jorge Alarcão.

Endereço: Palácio SubRipas, 3049, COIMBRA.

Edita a revista CONIMBRIGA, e publica a série FICHEIRO EPIGRÁFICO.

Unidade de Arqueologia do Centro de História da Universidade Clássica de Lisboa.

Director: Doutor Victor Gonçalves.

Endereço: Faculdade de Letras, Cidade Universitária, 1699 LISBOA.

Edita a revista CLIO-ARQUEOLOGIA.

Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa.

Endereço: Faculdade de Letras, Cidade Universitária, 1699 LISBOA.

Centro de Arqueologia da Universidade Lusitana.

Director: Doutor Castro Nunes.

Endereço: Rua da Junqueira, 194, 1300 LISBOA.

Centro de Estudos de Arte e Arqueologia.

Escola Superior de Tecnologia de Tomar.

Endereço: Av. Dr. Cândido Madureira, 13, 2300 TOMAR.

Gabinete de Arqueologia da Universidade do Algarve.

Director: Doutora Teresa Gamito.

Endereço: 8000 FARO.

Departamento de História de Arte da Universidade Nova de Lisboa.

Doutor Augusto Tavares; Doutor Bairão Oleiro.

Endereço: 1899 LISBOA CODEX.

A.1.2. MUSEUS E SERVIÇOS DO INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL

Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

Director: Dr. Francisco Alves.

Endereço: Praça do Império, Belém, 1400 LISBOA.

Edita a revista O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS.

Museu Monográfico de Conimbriga.

Director: Dra. Adília Alarcão.

Endereço: 3150 CONDEIXA-A-VELHA.

Museu Regional de Arqueologia de D. Diogo de Sousa.

Director: Dra. Manuela Delgado.

Endereço: Avenida Central, n.º 7, 4700 BRAGA.

Co-edita a revista CADERNOS DE ARQUEOLOGIA, em colaboração com a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Departamento Central de Arqueologia.

Director: Dr. Fernando Real.

Endereço: Palácio nacional da Ajuda, 1300 LISBOA.

Edita a revista INFORMAÇÃO ARQUEOLÓGICA, e publica as séries monográficas TRABALHOS DE ARQUEOLOGIA E ROTEIROS DE ARQUEOLOGIA.

Serviço Regional de Arqueologia do Norte.

Director: Dr. Lino Augusto Tavares Dias.

Endereço: Rua António Cardoso, 175, 4100 PORTO.

Serviço Regional de Arqueologia do Centro.

Director: Dr. José Beleza Moreira.

Endereço: Rua Pedro Monteiro, n.º 10, 3000 COIMBRA.

Serviço Regional de Arqueologia do Sul.

Director: Dr. António Carlos Silva.

Endereço: Palácio Vimioso-Praça Marquês de Marialva 7000 ÉVORA.

A.1.3. MUNICÍPIOS

Câmara Municipal de Torre de Moncorvo.

Dr. Nelson Rebanda. 5160 TORRE DE MONCORVO.

C.M. de Vila Nova de Famalicão.

Departamento de Arqueologia. Dr. Francisco Queiroga.

4760 VILA NOVA DE FAMILIÇÃO.

C.M. Santo Tirso.

Museu Abade Pedrosa.

4780 SANTO TIRSO.

C.M. Porto.

Arquivo Histórico. Casa do Infante. Dr. Manuel Real. 4000 PORTO.

Vila Nova de Gaia.

Gabinete de História e Arqueologia. Dr. Gonçalves Guimarães.
GAYA.
4400 VILA NOVA DE GAIA.

C.M. de Trancoso.

Gabinete de História e Arqueologia. Dr. Jorge Figueiredo.
6420 TRANCOSO.

C.M. Viseu.

Gabinete de Arqueologia. Dr. João Inês Vaz.
3500 VISEU.

C.M. de Sintra.

Gabinete de Estudos de Arqueologia, Arte e Etnografia. Dr. Card
Edita a revista CINTRIA.

C.M. de Almada.

Dr. Vitor de Barros.
2800 ALMADA.

C.M. de Alcácer do Sal.

C.M. de Évora.

C.M. de Castelo de Vide.

C.M. da Vidigueira.

C.M. de Mértola.

Dr. Cláudio Torres.
7750 MÉRTOLA.

C.M. de Silves.

Arquitecto Mário Varela.
8300 SILVES.

A. 1.4. SOCIEDADES E ASSOCIAÇÕES

Centro de Estudos Humanísticos.

Director: Dr. Rigaud de Sousa.
Endereço: Rua António Cardoso, n.º 175, 4100 PORTO.
Edita a revista LUCERNA, e publica a série ESTUDOS MEDIEVAI

Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.

Endereço: Rua António Cardoso, n.º 175, 4100 PORTO
Edita a revista ARQUEOLOGIA, e publica a série MONOGRAFIAS

Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

Presidente: Doutora Susana Jorge.
Endereço: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto,
Teixeira, 4100 PORTO.
Edita a revista TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA.

Sociedade Martins Sarmento.

Endereço: Rua de Paio Galvão, 4800 GUIMARÃES.
Edita a REVISTA DE GUIMARÃES.

Projecto Arqueológico da Região de Moncorvo.

Presidente: Dr. Paulo Dórdio.
Endereço: Casa das Associações Culturais
0000 TORRE DE MONCORVO.

Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Presidente: Dr. Eduardo Cunha Serrão.
Endereço: Largo do Carmo, 0000 LISBOA.
Edita a revista ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA.

Centro de Arqueologia de Almada.

Endereço: Apartado 103 (Torcatas), 2801 ALMADA
Edita a revista ALMADAN.

1.5. OUTROS ORGANISMOS

Serviços Geológicos de Portugal.

Rua da Academia de Ciências, 19-2, 1200 LISBOA.
Edita a revista COMUNICAÇÕES DOS SERVIÇOS GEOLÓGICOS DE PORTUGAL, a série MEMÓRIAS DOS SERVIÇOS GEOLÓGICOS DE PORTUGAL, publica a CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL, bem à escala 1:50.000, bem como diversas séries de cartografia, de interesse para a arqueologia.

106

Centro de Prehistória e Arqueologia do Instituto de Investigação Tropical.

Director: Dr. Miguel Ramos.
Endereço: Travessa Conde da Ribeira, 9, 1300 LISBOA.
Edita a revista LEBA.

Departamento de Arqueologia do Parque Nacional da Peneda Gerês.

Director: Dr. António Martinho Baptista.
Endereço: Rua de S. Geraldo, 4700 BRAGA.

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

Director: Dra. Joaquina Soares.
Endereço: Avenida Luisa Todi, 62, 2900 SETÚBAL.
Edita a revista SETÚBAL ARQUEOLÓGICA.

Laboratório de Carbono 14.

Director: Doutor Peixoto Cabral.
Endereço: Departamento de Química, LNETTI, P-2685 SACAIVÉM.

Instituto Arqueológico Alemão.

Director da Delegação de Lisboa. Doutor Theodor Hauschid.
Endereço: Avenida da Liberdade, 244-7, 1200 LISBOA.
Os trabalhos deste Instituto são habitualmente publicados na revista MADRIDER MITELLUNG.

Listagem de periódicos não especializados

B.1. Não existe um boletim periódico que liste os títulos e os assuntos, dos artigos e textos de arqueologia publicados anualmente em Portugal. Por outro lado uma acentuada tendência para a dispersão dos trabalhos por boletins municipais, e revistas não especializadas, torna difícil organizar listagens bibliográficas, ou manter actualizado um ficheiro da arqueologia portuguesa.

Dois volumes recentemente publicados, BIBLIOGRAFIA ARQUEOLÓGICA (1935-1969), e BIBLIOGRAFIA ARQUEOLÓGICA PORTUGUESA (1970-1979), ambos organizados por Eduardo Oliveira da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, constituem preciosos guias, muito embora apresentem lacunas que serão corrigidas no próximo volume, em preparação, e que vai abranger a bibliografia publicada entre o século XVI e 1935. Poderá também consultar-se A ACTIVIDADE ARQUEOLÓGICA EM PORTUGAL - CEM ANOS DE PUBLICAÇÕES 1880-1980.

A fim de facilitar eventuais consultas bibliográficas acrescentamos às listas de revistas referidas no texto e na listagem das entidades, uma enumeração de outros títulos que inserem com frequência textos de arqueologia, embora não sejam periódicos especializados.

107

B.2.

BRIGANTIA — Editada pela Assembleia Distrital de Bragança.

FORUM — Editada pelo Conselho Cultural da Universidade do Minho.

Endereço: Largo do Paço 4700 BRAGA.

MINIA — Editada pela Associação para a Salvaguarda do Património Artístico e Cultural.

Endereço: Torre de Menagem, 4700 BRAGA.

BARCELOS-REVISTA — Editada pela Câmara Municipal de Barcelos.

Endereço: 4700 BRAGA.

BOLETIM MUNICIPAL — Editado pela C.M. de Esposende.

PENAFIEL — BOLETIM MUNICIPAL DE CULTURA.

Endereço: Museu Municipal de Penafiel, 4560 PENAFIEL.

REVISTA DE CIÊNCIAS HISTÓRICAS — Editado pela Universidade Portucalense.

Endereço: Avenida Rodrigues de Freitas, n.º 349, 4000 PORTO.

ÍNDICE

1. Introdução histórica

2. Instituições, projectos e actividade editorial:

2.1. *Universidades*

2.2. *Museus e Serviços do Instituto Português do Património Cultural*

2.3. *Municípios*

2.4. *Associações e Sociedades*

2.5. *Outras Entidades*

3. Conclusões

Apêndice 1. Listagem de organismos

Apêndice 2. Listagem de revistas

108

Bibliografia

- 1884 — *Congres International d'Anthropologie et d'Archeologie Prehistoriques - Compte Rendu de la neuvieme session a Lisbonne, 1880.* Lisboa.
- ALARCÃO, Adília, 1974 — *Conímbriga. Histoire d'un site. Les Dossiers de l'Archeologie*, 4, Paris, pp. 084-091.
- ALARCÃO, Adília, 1986 — *A Universidade e os Museus de Arqueologia.* Arqueologia, 14, Porto, pp. 004-007
- ALARCÃO, Adília e Ponte, Salete da, 1984 — *Exposição Permanente no Museu Monográfico de Conímbriga. Roteiro.* Coimbra.
- ALARCÃO, Adília e Ponte, Salete da, 1984 — *Colecções do Museu Monográfico de Conímbriga. Catálogo.* Coimbra.
- ALARCÃO, Jorge de, 1982 — *Introdução ao estudo da História e do Património Locais.* Coimbra.

- ALARCÃO, Jorge e Etienne, Robert, 1977 — *Fouilles de Conímbriga. I^o. L'Architecture*. Paris, 355 p.
- C., J., 1985 — *Grupo de Estudos Arqueológicos da Arqueologia Porto*. 12. Porto, pp. 218-219.
- CARDOZO, Mário, 1930 — *Citânia de Briteiros e castro de Sabroso. Notícia Descritiva*. Guimarães, 106 p.
- CARDOZO, Mário, 1967 — *A Sociedade Martins Sarmiento-Breve resumo da sua história e actividades culturais*. Guimarães.
- CORREA, A.A. Mendes, 1929 — *Geologia e Antropologia em Portugal*. Lisboa, 208 p.
- CORREA, A.A. Mendes, 1947 — *Histoire et Recherches Préhistoriques au Portugal. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 1. Porto, 1, pp. 115-170.
- CRUZ, Domingos Jesus da, 1986 — *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Arqueologia*. 13. Porto, pp. 200-201.
- ENCARNAÇÃO, José d', 1988 — *Epigrafia em Portugal. Ciência Antiga, Rumos Novos, Arqueologia*. 11. Porto, 7, pp. 204-207.
- FONTES, Joaquina, 1955 *O dr. Santos Rocha e a Arqueologia Portuguesa. Arqueologia e História*. 8 - série 6, Lisboa, pp. 101-120.
- GONÇALVES, António A. Huet, 1983 — *O eng. dr. Rui de Serpa Pinto*, Revista *Arqueologia*, 17, Porto, pp. 001-007.
- GONÇALVES, Victor, 1980 — *O IX Congresso de Antropologia e Archeologia Prehistoricas (Lisboa-1880): uma leitura, seguida de «Cronica» de Bordalo Pinheiro*. Lisboa, 018 p.
- JORGE, Victor Oliveira, 1982 — *Megalitismo do Norte de Portugal... Dissertação de Doutoramento*, policopiada. Porto, pp. 331-387.
- JORGE, Victor Oliveira, 1985 — *Homenagem a Jean Roche*. Revista *Arqueologia*. 12, Porto, pp. 001-013.
- LEMOS, Francisco Sande, 1986 — *Serviço Regional de Arqueologia do Norte: 1980-1984* Minia. 2 série - 8, Braga, pp. 272-286.
- LEMOS, Francisco Sande, 1987 — *As Três Idades da Arqueologia Portuguesa*. Revista *Forum*, 2, Braga, pp. 005-012.
- LEMOS, Francisco Sande, 1988 — *A Excursão ao Norte do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistoricas-1880*. Revista *Forum*, 4 Braga, pp. 042-056.
- HUBNER, Emílio, 1871 — *Notícias Archeológicas de Portugal*. Lisboa.
- MACHADO, João L. Saavedra, 1965 — *Subsídios para a História do Museu Etnológico Doutor Leite de Vasconcelos*. Lisboa.

- MACHADO, José Timoteo Montalvão, 1962 — *Como surgiu em Portugal a primeira Sociedade de Arqueologia*. Revista *Arqueologia e História*, 89, Lisboa, pp. 011-145.
- MARTINS, Maria Manuela dos Reis, 1986 — *Arqueologia Portuguesa- Algumas Reflexões*. Revista *Arqueologia*, 14, Porto, pp. 002-004.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de, 1985 — *Documentos para a história do Museu de D Diogo de Sousa II (1905-1918)*. Revista *Cadernos de Arqueologia*, 2 - série 2, Braga, pp. 179-194.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de, 1986 — *Documentos para a História do Museu D. Diogo de Sousa III (1918-1980)*. *Cadernos de Arqueologia*, 2 - série 3, Braga, pp. 171-195.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de e Fernandes, Isabel, 1984 — *Documentos para a História do Museu D. Diogo de Sousa*. *Cadernos de Arqueologia*, 2 - série 1, Braga, pp. 010-134.
- PEIXOTO, Rocha, 1975 — *A Sociedade Carlos Ribeiro. Obras*, 3, Póvoa de Varzim, pp. 245-265, 276-280.
- PEREIRA, Isabel, 1985 — *Museu Municipal do dr. Santos Rocha (Figueira da Foz)*. *Arqueologia*, 2, Porto, pp. 213-214.
- RAPOSO, Luis, 1988, *A Arqueologia em Portugal- um futuro para desenhar*. *Arqueologia*, 17, Porto, pp. 235-236.
- SANTOS, Manuel Farinha dos, 1980 — *Estudos de Prehistoria em Portugal de 1850 a 1880*. Revista *Anais da Academia Portuguesa de Historia*, 2, 26 (2), Lisboa, 6, pp. 253-298.
- SÃO PAIO, Conde de, 1938 — *Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Revista *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos*, 4, Lisboa, pp. 009-033.
- VASCONCELOS, José Leite de, 1897 — *O Museu Etnológico Português*. Lisboa
- VASCONCELOS, José Leite de, 1897 — *Religiões da Lusitania*, 1, Lisboa.
- ZBYZEWSKI, Georges, 1982 — *L'Abbe Breuil et sa contribution a l'Etude de la Prehistorie Portugaise*. Revista *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 66, Lisboa, 6, pp. 041-051.

